

---

**A DESCONSTRUÇÃO DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS DOS GÊNEROS  
SEXUAIS EM JUDITH BUTLER**

ARAÚJO, Jair Bueno de<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo se propõe entender qual a diferença entre sexo e gênero sexual. Para isso, nos valem fundamentalmente da análise do livro “Problemas de Gênero” da filósofa “feminista” Judith Butler, que dialoga com a filósofa Simone de Beauvoir, precursora da luta política do movimento feminista da década de 1940 na França. Deste diálogo é possível percebermos as contradições e imbricamento de qual significado político que o corpo assume enquanto pertencimento identitário ao gênero sexual feminino ou ao gênero sexual masculino e os seus problemas com a definição de “gênero” construído pelo discurso político das feministas.

**Palavras-chave:** Feminismo. Gênero. Identidade. Poder.

**Abstract:** The purpose of this research is to understand the gender and sexual orientation differences. For this, it was taken into analysis the book “Problemas de Gênero” (GENDER TROUBLES) from the “feminist” philosopher Judith Butler, which dialogs with the philosophy of Simone de Beauvoir, pioneer on the feminist liberation political fight that took place in France on 1940. From this dialog it is possible to notice the contradictions and adversities concerning the political meaning the body assumes when belonging to a female identity or a male identity and their problems to determine “gender”, brought up by the feminists’ political speech.

**Key-words:** Feminism. Gender. Identity. Power.

## INTRODUÇÃO

Não é nossa preocupação nos aprofundarmos na história do feminismo, pois este não é o objetivo de nosso trabalho. Contudo, é importante um breve discorrer, para entendermos, como se constroem as identidades sexuais de gêneros.

---

Não existe uma data específica do que seja feminismo: “este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado” (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 7). De acordo com os estudiosos dos movimentos feministas, podemos afirmar que o mesmo enquanto movimento social foi vivido em “ondas”: como todo processo de transformação social, as “ondas feministas” encontraram contradições, avanços, medos, superações que, de acordo com as forças que as produziram e as produzem, polemizam problemáticas e questionamentos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.

A primeira “onda” emergiu com as francesas como Flora Tristram e Jeane Deiron, assim como outras (os) no final do século XIX, que oriundas (os) das causas socialistas do século XIX, reivindicavam a emancipação do proletariado e, conseqüentemente, a emancipação das mulheres; cujos passos foram dados como movimento liberal feminino de luta pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, visando à emancipação das mulheres enquanto cidadãs.

A segunda “onda”, surgiu em meados da década de 60/70 do século XX, com Betty Friedan, Kate Millet, Juliet Mitchell, mas alicerçadas, principalmente, sobre a obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. É por tal obra ter sido publicada em 1949 que a tomaremos como um marco transitório da primeira para a segunda onda do movimento feminista.

## GÊNERO E (DES)CONSTRUÇÃO SOCIAL

Judith Butler, no seu livro *Problemas de Gênero*, deixa muito claro que “o problema” detectado por ela em relação a gênero<sup>2</sup>, não seria o culminamento do fracasso do movimento feminista. Pelo contrário, os problemas sempre existiram, mas, “*a nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los*” (BUTLER, 2008, p. 7).

Dito deste jeito tira-se a suposta “culpa” que o movimento feminista enquanto um discurso intelectual, filosófico e político que tem como meta, direitos iguais entre homens e mulheres e uma vivência humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero, teria assumido, senão fosse na tentativa de elucidar e contribuir significativamente sobre a história da mulheres e que inclusive, gênero fosse questionado, mas, não desprezado.

---

Para Butler, a formulação usual de gênero no qual estão fundados os atributos culturais que o constroem e em seu oposto o sexo, é uma marca preestabelecida sobre o qual o gênero opera. Tais afirmações foram/são questionamentos das feministas do século XX, a começar por Beauvoir, escritora e ativista/feminista, fez parte de um grupo de filósofos-escritores do existencialismo - movimento que influenciou a cultura européia de meados do século passado e repercutiu no mundo inteiro. Publica “O Segundo Sexo”, pioneiro manifesto do feminismo, no qual propõe novas estruturas para o relacionamento humano, especificamente entre homens e mulheres.

O gênero para algumas feministas tende a articular a opressão das mulheres numa distinção entre sexo e gênero (como gênero construído historicamente), sobre um sexo já determinado pelo fisiológico (pênis x vagina), que são imperativos da nossa cultura para a construção das identidades de qualquer corpo sexuado.

O que está em questão para Butler, é ir para além dos gêneros, pois o mesmo não deve ser visto e buscado enquanto origem e ou uma verdade sexual, (gênero feminino ou masculino) mas, sim, enquanto investidas políticas designadas como origem e causas de naturalizar categorias de identidades masculinas e femininas. Ou seja, como homens e mulheres devem se portar socialmente.

Tais identidades são “verdades”, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos, difusos e que só é possível se manifestar sobre os corpos sexuados que ora são postos como licitudes e ou ilicitudes ao corpo dos anormais, por exemplo, o corpo homossexual que até meados da década de 1970 sob o discurso médico era uma patologia e ainda hoje sob o discurso judaico-cristão é um pecado.

Butler, ao analisar o feminismo, busca na teoria de poder em Foucault, na qual o poder, não atua simplesmente oprimindo ou dominando as subjetividades, mas, opera de forma imediata na sua construção.

Para ela a heterossexualidade e o falocentrismo são instituições identitárias compulsórias de poder e discurso pela qual o gênero se produz reproduzindo-se, a partir do momento em que

*“a categoria das mulheres só alcança estabilidade e coerência no contexto da matriz heterossexual”* (grifo meu, assim, como todas as sexualidades tem como referência a heterossexualidade) (BUTLER, 2008, p. 23).

---

O gênero para Butler são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos femininos ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2008,24).

Neste caso o “o sujeito gendrado seria antes, o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes (ARÁN/PEIXOTO, 2007,133). Com base nestas definições, a autora chega afirmar que o gênero é ele próprio uma norma.

A norma do sujeito gendrado é a definição de uma identidade em oposição à outra, entre o “aceito” ou “não aceito”, entre o “normal” e o “anormal”. Desde o nascimento da pessoa é imposto: menino ou menina? O ultra-som resolve. Sendo menino, poderia até brincar de boneca, vestir calcinha, furar a orelha etc., mas, não. Os pais, avós, tios, primos, irmãos, a sociedade, enfim, não lhe dão permissão. Mas, vai se chamar, Mateus, Marcos, João, Ezequiel, Jeremias, Paulo, Jesus..., Deus? - Ninguém ousou! Usará roupinha azul, amarela, branca, rosa. Opa! Rosa!? Não!!! Rosa é de (MARIA, MARTA, ESTER, APARECIDA, ASSUNÇÃO, AUXILIADORA, SARA...). A menina pode brincar de carrinho, desde que não perca a sua “feminilização”, mas, fica estabelecido que carrinho, bola, pipa, videogame são de menino, para convalidar a sua “masculinização”, e boneca, casinha, panelinha, batom, sapato de salto, o primeiro sutiã, estes são de menina.

A partir desta interpelação a,

*“nomeação do sexo é um ato performativo de dominação e correção que institui uma realidade social [...] O gênero é uma realidade tenuante construída através do tempo por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos” (ARÁN/PEIXOTO, 2007,134)*

Sexo e gênero estão na mesma ordem mimética, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Nesta perspectiva que é necessário desconstruir os gêneros, pois assim, desconstruímos os sexos, ou o binarismo que acomoda gênero e sexo em corpos opostos.

Levanta-se dessa cisão tão radical entre sexo gênero, dúvidas sobre ambos. Para Butler, sexo é construto e é tão culturalmente construído quanto gênero: “a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2008,25).

---

Ou seja, a estabilidade interna da ordem pré-estabelecida e eficientemente assegurada entre binarismo sexo/gênero só é possível pela ordem do discurso, fazendo com que nenhum nem outro seja neutro e tampouco o sexo seja anterior a cultura.

O que Butler nos aponta é que o sexo deixa de ser significante sobre o qual se constrói o significado dos gêneros. Ou seja, o próprio significante “sexo” é questionado em sua materialidade dita como “neutra” ou a priori para que os corpos sejam inscritos de acordo com o seu sexo que nunca é natural, mas, está inscrito no campo das forças produtivas que as constroem, são dispersas, são múltiplas e naturalmente não existe uma identidade pré-estabelecida, no entanto, culturalmente, se incita uma identidade heterossexual como condição natural das relações humanas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou demonstrar que não existe a priori uma natureza que defina identidade sexual e identidade de gênero. Ambas são construídas socialmente e são investidas dos mais diferentes poderes discursivos.

Butler nos sinaliza, a desconstrução das identidades fixas e de que as mesmas pensadas e resinificadas sejam armas para questionar os conservadorismos identitários do que funda as desigualdades entre os corpos gendrados. Ou seja, a fronteira entre o binarismo, sexo-gênero, heterossexualidade-homossexualidade-bissexualidade, são porosas e perturbadoras.

*O que acontece ao sujeito e a estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado [...] qual a melhor maneira de problematizar as categorias gênero que sustentam hierarquias dos gêneros e a heterossexualidade compulsórias? (BUTLER, 2008,8).*

Por fim, somente a desnaturalização de gênero e sexo que é possível problematizar a heterossexualidade assim, como, a dominação masculina, categorias a princípio sustentadas pelas relações de gênero que intrinsicamente fundadas no binarismo do órgão sexual são determinantes para a construção das identidades sociais, (aceitas ou não), sobre os corpos sexuados.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 44).

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. "Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler". **Cadernos Pagu** [online], v. 28, p. 129-147, 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 jan. 2011.

BEAUVOIR. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida, 2ª ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, vol. 2, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista – Petropolis, RJ: Vozes 1997.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação Arte e História da Cultura pelo Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e professor de geografia da rede Pública e Privada de Ensino de São Paulo.

<sup>2</sup> Entendemos “gênero” como descrições das condições de vida das mulheres em diferentes perspectivas, que os estudos iniciais do movimento feminista investigou, as desigualdades econômicas, sociais, políticas, jurídicas etc. (Guarcira:18), contudo, ainda impregnadas das características biológicas (daí as flexões de sexo)de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre desta distinção.

*Texto recebido em 18 de janeiro de 2011.*

*Aprovado em 30 de maio de 2011.*